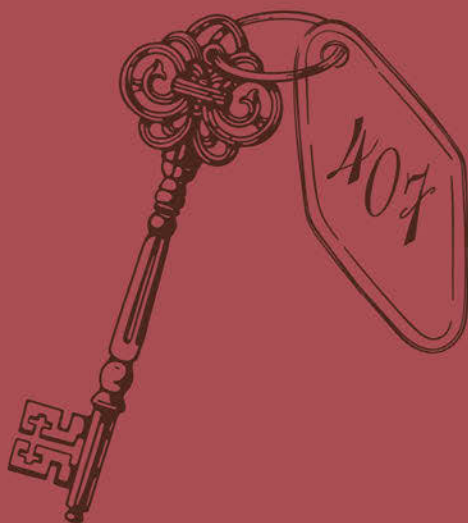


PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA

JON FOSSE

hotel vaim



cavalo de ferro

Eu não sabia bem porque fora para Vaim e me instalara no Hotel Vaim, tinha simplesmente pegado na mala a tiracolo em pele, posto as duas malas de viagem no porta-bagagens do carro, uma carrinha castanha que eu só comprara no dia anterior, e partido, para onde não sabia, mas logo se veria, pensei eu ao arrancar e deixei que a estrada diante de mim me levasse aonde me quisesse levar, e quando, depois de ter conduzido algumas horas, vi a placa a dizer Vaim à beira da estrada, pareceu-me que já conduzira o suficiente e resolvi parar ali, pelo menos fazer uma pausa da condução, porque aquele nome, Vaim, eu já o tinha ouvido, mas tanto quanto me lembrava nunca estivera em Vaim, e se houvesse um hotel, eu queria instalar-me lá, pensei eu e, quando vi o letreiro a dizer Grande Armazém de Vaim na parede de uma casa, desci em direcção à loja e vi diante de mim um cais, e lá à direita, sim, na parede de uma velha casa branca, estava pintado Hotel Vaim em letras pretas, portanto se o hotel ainda estivesse aberto e em funcionamento eu podia arranjar um quarto para pernoitar ali, mas havia certamente uma grande probabilidade de o hotel

estar fechado, existiam velhos hotéis como aquele espalhados pelo país que haviam tido a sua época e agora estavam fechados, e ali, junto à extremidade da casa, também havia um letreiro, com letras pretas semelhantes, mas mais pequenas, que dizia Café Vaim, e ele talvez também estivesse aberto, mas era pouco provável, porque se há uns anos havia cafés como aquele em muitos lugares pelo país fora, agora o lucro devia ser demasiado pequeno para que alguém visse vantagem em explorá-los, pelo menos a maioria encontrava-se encerrada e estava para ali vazia e abandonada, mas quem sabe se o café ainda assim não estará aberto, pensei eu e virei em direcção ao hotel, parei o carro e deixei-me estar sentado um instante a pensar se devia primeiro subir e experimentar a porta do hotel, para ver se estava aberta ou trancada, mas havia luz nas janelas de ambos os lados da porta, por isso talvez fosse melhor partir do princípio de que o hotel estava aberto e levar as duas malas de viagem comigo, pensei eu, e saí do carro, pus a mala a tiracolo, abri o porta-bagagens e tirei as duas malas de viagem, e lá pesadas eram elas, mais pesadas do que eu me lembrava, e as curtas escadas que subiam até ao hotel pareceram longas, por isso soube bem pousar as malas de viagem à porta, e quando pressionei o puxador e empurrei a porta ela abriu-se, portanto, sim, o Hotel Vaim estava mesmo aberto, e eu peguei nas malas e entrei no que era a recepção, e nela estava uma mulher que devia ser da minha idade e que olhou para mim

Bem-vindo, disse ela

embora eu ainda não tivesse transposto completamente a porta, ela disse aquilo

Obrigado, disse eu

Olha quem é ele, disse ela

e perguntei-me o que queria ela dizer com aquilo, conhecer-nos-íamos, ou teria ela visto fotografias minhas algures num jornal qualquer, mas já tinha sido há tanto tempo e eu estava completamente diferente, na altura tinha barba e cabelo comprido, mas era possível que ela tivesse tão boa memória que se lembrasse das minhas feições e me reconhecesse, e esse era um pensamento horrível, pensei eu, mas dizer olha quem é ele devia ser só uma maneira de dizer, pensei eu e fechei a porta atrás de mim, peguei nas malas e dirigi-me para a recepção, pousei as malas no chão e vi que a mulher que estava à minha frente a olhar para mim já tinha uma grande chave na mão e do porta-chaves pendia também um pedaço oval de madeira, outrora devia ter sido cor de madeira fresca, mas agora estava tão castanho e sujo que mal se conseguia perceber que o pedaço de madeira tinha inscrito 407, mas tinha, e o número estava gravado a fogo na madeira, portanto eu teria de carregar as duas malas por três lanços de escadas acima até ao quarto andar, porque obviamente não havia elevador no Hotel Vaim, era demasiado antigo para isso

Parece perdido em pensamentos, diz a mulher da recepção

e eu olho para a mão que segura a chave, e depois para ela
É bom vê-lo, diz ela

e eu penso que aquilo é uma coisa estranha de se dizer,
e o que quererá ela dizer com aquilo, a única coisa que
me ocorre é que ela tenha querido dizer que não aparecem
muitos hóspedes inesperados no Hotel Vaim, algo assim,
e por um qualquer motivo respondo obrigado, igualmente

Quer um quarto, não é, disse ela

e eu pensei que de facto era o que devia parecer, e pen-
sei que era melhor não dizer nada

E eu tenho quarto para si, sim, quartos não faltam,
disse então ela

Então quero um, disse eu

Seja bem-vindo, seja muito bem-vindo, disse ela

Pois, não está lotado, disse eu

Longe disso, disse ela

Quanto tempo pensa ficar, perguntou ela

Não sei ao certo, respondi eu

Olhe, disse ela

Olhe, temos boas ofertas para hóspedes de longa dura-
ção, bastante boas, disse ela

Não sei muito bem quanto tempo vou ficar, respondi eu

Mas se ficar uns tempos, diga, disse ela

Sim, disse eu

E o pequeno-almoço é-lhe servido quando quiser, disse
ela

E pode ser-lhe entregue à porta, disse ela

É só dizer quando quer tomar o pequeno-almoço e eu
levo-lho logo

Bom, à hora marcada, quero eu dizer, acrescentou ela

e eu não respondi nada

Mas podemos voltar a isso depois, disse ela

Agora primeiro tem de ir ao seu quarto, disse ela

Instalar-se, disse ela

E depois podemos falar sobre o pequeno-almoço mais tarde, disse ela

Mas parto do princípio de que quer ovos e *bacon*, disse ela

Sim, obrigado, disse eu

Então é isso que vai ser, enquanto estiver no Hotel Vaim, acrescentou ela

E se quiser mais alguma coisa, é só dizer, obviamente, disse ela

Muito obrigado, disse eu

Obrigada eu, disse ela

e eu fiquei ali parado a pensar se ela não tencionava dar-me logo a chave à qual estava como que agarrada, continuava ali a esfregá-la entre os dedos sem ma estender

E deve ter reparado no letreiro que dizia Café Vaim, ali na esquina, disse ela

e eu assenti com a cabeça

Pronto, o Café Vaim está aberto das onze da manhã às onze da noite, e se não estiver ninguém atrás do balcão, há lá um chocalho em cima do balcão, é fácil de ver, para dizer a verdade é um antigo chocalho de ovelha, o da recepção é um chocalho de vaca, está ali, disse ela apontando, e portanto o do café é um chocalho de ovelha, e é só pegar nele e agitá-lo uma ou duas vezes e pode ter a certeza de que alguém virá servi-lo, mesmo que demore

um pouco, pode ter a certeza, alguém virá, e na ementa que está lá pendurada na parede atrás do balcão verá que no Café Vaim pode comprar comida norueguesa substancial, disse ela

Muito obrigado, disse eu

e eu pensei se teria de lhe pedir a chave, porque parecia que ela não tencionava dar-ma, que isso não lhe ocorrera, que ia só ficar ali parada com a chave na mão

O meu quarto ainda não está pronto, disse eu

Ah, sim, claro, sim, sim, disse ela

Claro que está pronto, disse ela

O quarto está pronto e só está mesmo à sua espera, disse ela

e ela virou-se e olhou para a parede atrás de si e nela havia chaves penduradas em filas numa espécie de quadro com ganchos aparafusados, pareciam ser cerca de trinta ou assim, e todas excepto uma pareciam estar lá penduradas, e ela pareceu ir buscar uma chave, mas ficou ali parada com uma chave na mão e olhou para mim

Seja bem-vindo, disse ela

Muito obrigado, disse eu

E espero que fique muito tempo no Hotel Vaim, nós temos bons preços para estadas longas, disse ela

E eu olhei para a chave e depois ela também o fez, e foi como se se lembrasse de que tinha a chave na mão

Bom, aqui tem a chave, disse ela

e estendeu-me a chave e eu tornei a ver que tinha inscrito 407 e meti a chave no bolso do casaco do fato, olhei

para as duas malas e elas pareceram tão pesadas ali no chão

Bom, para chegar ao quarto andar suba aquelas escadas ali, disse a Proprietária

e apontou para a esquerda, como se eu não conseguisse ver que aquilo eram umas escadas, e depois disse que para chegar ao 407 eu tinha de virar à direita quando tivesse subido as escadas até ao quarto andar e depois o 407 ficava no lado direito quando eu chegasse mais ou menos a meio do corredor, e era um quarto excelente, disse a Proprietária, um quarto com vista para o largo à frente do hotel, e para o fiorde, o Fiorde de Vaim, um braço do próprio Fiorde de Sygna, disse ela e eu disse muito obrigado e depois agarrei nas duas malas de viagem, e raios me partam se não eram muito pesadas, pensei eu, tal como pensara todas as vezes que pegara nelas, e pensei que era estranho estarem tão pesadas, afinal eu trouxera apenas o estritamente necessário, mas devia ter trazido demasiados livros, sim, como se tencionasse estar muito tempo fora, e deviam ser os livros que pesavam, mas claro que eu conseguia perfeitamente carregar as malas, embora não me tivesse importado se houvesse um elevador, mas imaginar um elevador num hotel tão antigo não passava obviamente de um disparate, pensei eu quando ia começar a subir as escadas e reparei que a Proprietária me seguia com o olhar, mas será que eu deveria olhá-la também? não seria um tanto descarado? e então espreitei por cima do ombro e vi a Proprietária na recepção a olhar para mim e ela acenou-me

Ninguém sabe porque terá o Hóspede viajado até Vaim. Sabe-se, contudo, que ele dá entrada no deserto Hotel Vaim, habitado somente por Brita, a proprietária. Do alto do seu peculiar carisma, Brita garante já ter visto o Hóspede antes e intromete-se sem pudor nos seus passeios diários. Enquanto se familiariza com a vida da aldeia, o Hóspede descobre que Vaim não é como os outros lugares. Os seus pertences começam a desaparecer e, a cada desaparecimento, agudizam-se dúvidas e dívidas. Pouco a pouco, o Hóspede percebe que esta curta viagem será, afinal, de imprevisível duração.

Inquietante, atmosférico e permeado por um humor amargo, *Hotel Vaim* é o segundo romance de uma trilogia de Jon Fosse dedicada à povoação fictícia de Vaim. Do vencedor do Prémio Nobel de Literatura 2023, eis um romance onde tudo é como sempre foi, mas nada é o que parece.

«O que é especial em Jon Fosse é a proximidade na sua escrita, que toca nos nossos sentimentos mais profundos.»

Comité do Prémio Nobel de Literatura

«Em Fosse, a fusão do quotidiano e do existencial, com as suas dramáticas incursões ao passado, compõe uma obra que não se consegue parar de ler.»

The Guardian

«A escrita de Jon Fosse é poesia pura.»

The Paris Review



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

  penguinlivros

ISBN: 978-989-589-568-7



9 789895 895687